



vária invenção

suplemento de artes da revista landa

Nós dois, juntos

artur de vargas giorqi

texto: ana chiara

Imágenes:
Artur de Vargas Giorgi
Texto:
Ana Chiara
Arte y diagramación:
Gastón Cosentino / Juliana Monroy Ortiz
Editor do suplemento de artes:
Gastón Cosentino
número 1
issn: 23165847



C O N T E Ú D O

<i>Nós dois, juntos: breve ensaio sobre série de trabalhos visuais de Artur de Vargas Giorgi</i> , por Ana Chiara	pp.6-9
---	--------

O B R A S

<i>nós dois, juntos</i> (caneta hidrográfica e aquarela sobre papel, 2018)	p. 10
<i>Far I</i> (série fotográfica, 2015-2016)	p. 12
<i>Far II</i> (série fotográfica, 2015-2016)	p. 14
<i>Far III</i> (série fotográfica, 2015-2016)	p. 16
<i>Far IV</i> (série fotográfica, 2015-2016)	p. 18
<i>Far V</i> (série fotográfica, 2015-2016)	p. 20
<i>globo da morte de tudo, capítulo 4</i> (colagem, 2014)	pp. 22-23
<i>globo da morte de tudo, capítulo 7</i> (colagem, 2014)	pp. 24-25
<i>carta</i> (colagem e caneta hidrográfica sobre papel, 2013)	pp. 26-27
<i>ensaio I</i> (desenho a lápis, 2013)	pp. 28-29
<i>ensaio II</i> (desenho a lápis, 2013)	pp. 30-31
<i>ensaio III</i> (desenho a lápis, 2013)	pp. 32-33
<i>me encanta dançar com você</i> (desenho a lápis, 2013)	pp. 34-35
<i>autorretrato cruzando as pernas</i> (nanquim sobre papel, 2012)	pp. 36-37
<i>todos os abraços do mundo, I</i> (série fotográfica, 2012)	pp. 38-39
<i>todos os abraços do mundo, II</i> (série fotográfica, 2012)	pp. 40-41
<i>todos os abraços do mundo, III</i> (série fotográfica, 2012)	pp. 42-43
<i>todos os abraços do mundo, IV</i> (série fotográfica, 2012)	pp. 44-45
<i>todos os abraços do mundo, V</i> (série fotográfica, 2012)	pp. 46-47
<i>todos os abraços do mundo, VI</i> (série fotográfica, 2012)	pp. 48-49

Nós dois, juntos:

breve ensaio
sobre série de
trabalhos visuais de
Artur de Vargas Giorgi

Ana Chiara*

*Profa. Associada de Literatura Brasileira da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

“Conheço pouca coisa mais triste que os trabalhos de Farnese de Andrade. Essas cabeças de boneca arrancadas do corpo lembram maldades de infância. As madeiras gastas de seus trabalhos guardam um tempo esponjoso, que se acumula sobre os ombros e nos paralisa os movimentos. As fotografias e imagens presas nos blocos de poliéster falam de um passado que nos inquieta, mas que não podemos remover ou processar; já que não mais nos pertence.”
Rodrigo Naves¹

Artista visual, poeta, ensaísta, professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina, Artur de Vargas Giorgi transita com desenvoltura por distintas áreas, deixando que se contaminem. Opera por contágio: seus ensaios são poéticos, sua poesia é ensaística; seus trabalhos visuais deslizam por campos linguísticos, com mutilações da frase, com palavras que boiando no vazio titulam proposições de modo dúbio e contrastante: *nós dois, juntos* (caneta hidrográfica e aquarela sobre papel, 2018); *far* (série de cinco fotos, 2015-2016); *globo da morte de tudo* (série de colagens; aqui,

o “capítulo 4” e o “capítulo 7”, 2014); *carta* (colagem e caneta hidrográfica sobre papel, 2013); *ensaio* (série de três desenhos a lápis, 2013); *me encanta dançar com você* (desenho a lápis, 2013); *autorretrato cruzando as pernas* (nanquim sobre papel, 2012); *todos os abraços do mundo* (série de dez fotos, 2012). A abordagem de seus trabalhos não se dá num campo neutro do pensamento, mas de um modo atravessado por sugestões, impressões, contaminações controversas. Acatar sua oferta de compartilhamento pode ser um convite a estar juntos num terreno minado, a deixar *pou-sar no peito o peso* desta leveza.

Esta série (ou séries) de trabalhos de Artur de Vargas Giorgi, reunida nesta amostragem, forma uma família esquisita, uma esquizo-família: desenhos (“garamfunhas?”), fotos, cartas e colagens que constroem, quando vistos em série – um a um – ou no display da tela, um círculo familiar, como nas festas rituais (natais, aniversários, jantares); a atmosfera calma e sufocante, intrigante e irritante da família, misturando ficção e realidade. Juntos e separados, remetendo aos abraços que se soltam, às danças aos pares, criando entre si alianças e dissensões, transições e intermitências, estes trabalhos convocam ao “estarmos juntos” no aqui e no agora. Este infra-espço que se cria entre os familiares torna-os infamiliares, estranhos, o estranho-familiar, resvalando para a inquietante estranheza do conceito freudiano *Das Unheimliche*. Uma família esquizo. Cada membro desta família traz em si uma micro-narrativa quase silenciosa. São idas e voltas em torno de figurações inacabadas (uma cabeça de boneca, pedaços de plástico, fragmentos de frases, corpos despedaçados). A cada passagem de uma figura a

1 In: “A grande tristeza” ensaio que abre o livro *Farnese de Andrade* (São Paulo: Cosac Naify, 2002).

outra (de um trabalho a outro), o fio se ata fracamente e se rompe. São exercícios para a desorientação. Esquivança de amantes, perseguições impossíveis, a falta de ar correndo atrás do abraço. São afetos expostos em fraturas, são tocantes, são tácteis, falam ao olho, à mão, ao nariz e à boca; são objetos recolhidos no refúgio do cotidiano, são uma poética dos restos, balbuciando frases; não articulam uma linguagem, falam de relance. Querem esvaziar-se da linguagem das “línguas cansadas” para acatamento das pulsações, do caráter intermitente da vida sensível, como o artista escreve em seu *blog* (no contexto de uma crítica que flerta com a ficção, tecendo comentários a trabalhos da artista Cristiane Lindner):

[...] com sua força frágil, com seu débil insistir, a intermitência desfaz a essência, a vida sensível – isto é, ao menos deste modo em que a vida pode ser entendida ou ficcionalizada – se *a-presente* por meio de pulsações, repetições, cintilações, ritmos indomesticáveis de aparecimento e desaparecimento, enfim, isso apenas reforça um pensamento não essencialista da existência².

Estes corpos (quaisquer corpos, ou materialidades, usados por Giorgi) convocam a nossa empatia. Nosso *pathos*, nossas paixões migram para eles e são devolvidas a nós de forma cruel, sem soluções ou chaves decifratórias. Ao contrário de mensagens, ressoam balbucios, tartamudeios, isolados como ilhas em lagos de silêncio. Corpos mortos a que poderemos emprestar nossa vida ou não. Diante de cada “quadro” a ser olhado, sentiremos alucinatoriamente, como proposto

no trabalho de Duchamp “*To Be Looked at (from the Other Side of the Glass) with One Eye, Close to, for Almost an Hour*” (Buenos Aires, 1918), nosso olhar vazar um vidro espelhado e olhar-nos de volta com o gesto humano de apontar as coisas, de tomar o mundo para si, de transformar o mundo (isso, a arte) fazendo do lixo o luxo, do resto, o que fica.

No *blog* do artista – *contemplação metódica da mosca* –, a temporalidade “emula um dia-a-dia, num curto intervalo, mas que na verdade se estende por anos”, como relata Giorgi, de 2012 até 2019, como um dia alongado cujo tempo explodisse com as marcas de passado e futuro; trata-se da “agoridade”, conceito de Octávio Paz, ou ainda do *agora* de Walter Benjamin, “desde el que es posible des-atar el pasado amarrado por la pseudo-continuidad de la historia, y desde él construir futuro”³. O *blog* funciona como um laboratório ou caderno de artista; aliás, pequenos cadernos são suportes para alguns dos desenhos ali fotografados; e onde se leria o perfil do artista (em “visualizar meu perfil completo”), uma só informação, como à deriva: Desterro. Reivindicação do antigo nome da Ilha de Santa Catarina – e não “Florianoópolis” –, onde hoje mora. Mas também cenário e alegoria de um aspecto desolado e todavia potente da contemporaneidade, o do artista desterrado. O sem-lugar num não-lugar, fora da lógica do mercado, a dádiva absoluta da vida à contemplação metódica do voo da mosca.

Contemplação metódica a que somos convocados pelos ca-

pítulos 4 e 7 de *o globo da morte de tudo*. A ilusão de verdade será traduzida, por Nietzsche, com a bela metáfora da mosca que voeja no vazio, mas carrega em si a arrogância dos detentores da ilusão de verdade: “Mas se nos pudéssemos entender com a mosca, conviríamos que também ela evolui no ar com o mesmo *pathos* e sente voar nela o centro deste mundo”⁴. A mosca perfaz, com seu voo, a ideia de volatilização da verdade. Giorgi acompanha de forma metódica essa rarefação de certezas; trabalha com mutilações, recortes de pequenas frases, palavras soltas, gráficos, imagens, compondo seções esdrúxulas de livros científicos ou fluxos administrativos; didática pelo avesso, pequena amostra de um *arquivo anárquico* de tudo, inclusivo, desordenado, alucinando a história e dialogando, ainda, com o trabalho homônimo de Nuno Ramos e Eduardo Climachauska, que pode ser descrito como:

[...] dois globos de aço sobrepostos e unidos por um ponto, “formando um oito tombado, o símbolo do infinito”, conectados a quatro paredes de prateleiras de aço, com seis metros de altura [...] nas quais serão depositados mais de 1.500 objetos, comprados, coletados e doados por amigos e conhecidos ao longo do processo de criação⁵.

Somos convocados ao rito da des-aprendizagem, da desposseção, do delivramento (no sentido obstétrico), ficamos vazios como os restos de sacos plásticos tocados pelo vento de seu outro trabalho composto por fotografias de plásticos em meio a terrenos baldios. A solidão, o pasmo, o estupor se

2 O nome do blog é retirado, aliás, de um verso de Drummond: do poema “Economia dos mares terrestres”, em *A rosa do povo*. Disponível em: <<http://contemplaçãometodicadamosca.blogspot.com>>. Último acesso: 2 jun. 2019.

3 MARTIN-BARBERO. “Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria”. In: ARTE LATINA. *Cultura, globalização e identidades*. Org. Buarque de Hollanda, Heloísa et al. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 139-169.

4 NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. Trad. Ana Lobo. Porto: Rés, 1984, p. 89.

5 Cf. <<http://www.nunoramos.com.br/>>. Também: <<http://www.infoartsp.com.br/agenda/o-globo-da-morte-de-tudo/>>. Último acesso: 2 jun. 2019.

apresentam como se fossem o nosso rosto desfigurado. Estaremos, conforme Hilda Hilst, no centro de um nada, pois quase nada há à volta, só o vento fazendo com que o plástico de *todos os abraços do mundo* (série de dez fotos) dance sua dança macabra, movido por esse sopro, na grama verde, na água meio turva, na vegetação crestada, na quase ausência de delimitações, de fundo, no limite das paisagens humanas.

A mutilação é uma experiência recorrente nestes trabalhos. Desenhos de corpos jacentes recordando sacrifícios ou crucificações, talvez. Um corpo jogado num degrau (soleira?; sarjeta?), Cristo, Tiradentes, um abandonado qualquer suportam o peso das coisas com uma carga dramática que, sendo concisa, não reforça o teatro, mas sim expõe as cenas como repetições do desastre, como na série *ensaio*, composta de três desenhos a lápis. Pernas tragadas num abismo, como em *me encanta dançar com você*, provocam efeitos de perplexidade. Corpos esmagados, mutilados são breves anúncios de um destino comum. Compõem a pequena série que – o próprio Giorgi explica, novamente através do diálogo com os trabalhos de Cristiane Lindner – pode ser lida “em *constelação* com os demais documentos”; constelação que “aponta, talvez, para uma sorte de eterno retorno, para o que insiste na história ou contra ela – entre a violência do ‘progresso’ e a necessidade de reparação – e toca intimamente os corpos, as existências”⁶.

O que no corpo dói, o que lateja, pulsa, molha, espirra, esguicha, queima, arde no corpo, sofre, invade, sai do corpo, entra no corpo? O que no corpo diz

mais do que as palavras, tentando unir desajeitadamente essas frações, o que se presentifica (aparece) nas suas ausências, nos seus buracos, seus vazios e está exposto de forma incômoda e insolúvel. Os corpos que Giorgi reúne nestas séries são recados em cápsulas.

O tema da cabeça e da degola vem, por ventura, de afinidades eletivas com o movimento acéfalo de Georges Bataille, recusa da dominância logocêntrica. Nietzsche coça a orelha de Artur de Vargas Giorgi com conselhos: “ideias fundamentalistas ancoradas na unidade-quedam/ ideias expostas como substâncias vistas como redondas-fechadas-absolutas – profundas quedam”⁷. Cai por terra o pensamento da totalidade, da substância. Na série *far* (cinco fotos), uma cabeça de boneca surge enterrada em ocos, como degolada. Ao contrário do acéfalo, esta corujinha sem corpo nos assombra com o excesso de vitalidade das cabeças cortadas; ela foi empurrada para o oco – *very far from* – do mundo reconhecível das fotos de bonecas ou de árvores; transforma-se nesses pequenos seres, sereiazinhas, girinos, cavalos marinhos, seres incompletos moram lá longe – *live there far* –, nos contos de horror; estão nos mundos de dentro, como um parto interrompido, atravessados por ecos nos ocos de árvores, os segredos da infância, estão longe do dentro e do fora – *very far from home* –, longe como um adeus ao corpo da mãe – *far east, far off, far out, far flung* –; são como pequenas medusas, são o assombramento, a pergunta que bate e volta de longe – *farewell*. O adeus irremediável

do parto malfeito que é a despedida do ninho, da árvore-mãe.

O adeus desterra o sujeito, deslocando-o de suas referências. Artur de Vargas Giorgi faz uma série de trabalhos que denominou *autorretratos* ou *autobiografias*. São, na maioria, desenhos em grafite. Alguns trazem o esqueleto exposto, outro a boca aberta: são figuras boiando no vazio, com títulos ou frases de caráter lírico. Com estes autorretratos, Giorgi parece elidir toda história ou identificação subjetiva, contrariando as autobiografias ou autoficções narcísicas. São formas emblemáticas de um corpo masculino que parece vazar de si mesmo, como em *autorretrato cruzando as pernas*, no qual a figura encontra-se heráldica e desconfortavelmente sentada à espera de que algo a encontre, venha a seu encontro. Ou autorretratos da impotência, como *nós dois, juntos* cujo convite encontra-se barrado pela impotência das mãos presas numa caixa. O convite para o compartilhamento deverá vencer essa dificuldade humana e contemporânea de estender as mãos.

Neste conjunto de trabalhos, Giorgi nos envia uma *carta*. Trabalho com que encerro as impressões sobre essa arte do envio que parece ser o caminho percorrido pelo artista. Aquilo que nos entrega, a respiração meio sufocada, os batimentos do coração, os leves toques que compõem, para usar o título de um pequeno livro do filósofo Jacques Rancière, a “partilha do sensível”. Aceitar o convite compete ao destinatário dessa carta.

7 CORRÊA DOS SANTOS, Roberto. *Cérebro-Occidente/ Cérebro-Brasil. Arte-escrita-vida – pensamento-clínica-tratos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Circuito; Faperj, 2015, p. 94.

6 Disponível em: <<http://contemplaometodicadamosca.blogspot.com>>. Último acesso: 2 jun. 2019.

nós dois, juntos
(caneta hidrográfica e aquarela sobre papel,
2018)



far

I

(série fotográfica, 2015-2016)



far
II



far
III



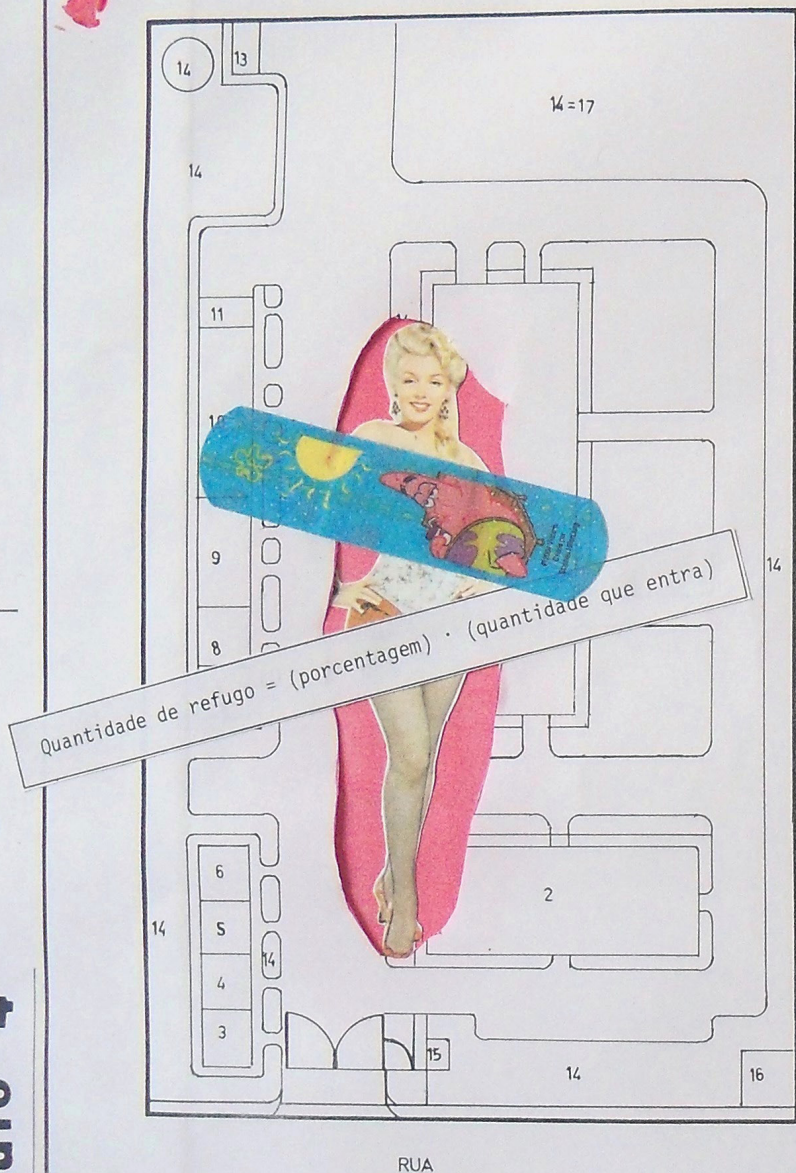
far
IV



far
V

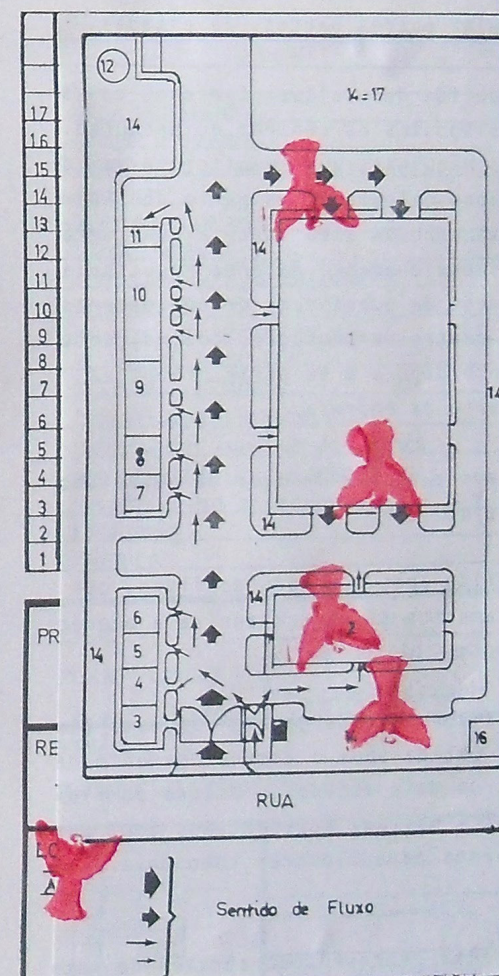


globo da morte de tudo,
capítulo 4
(colagem, 2014)



$$TU(1,1,1) = 0,00005$$

13.4. FLUXO A NÍVEL DE EMPRESA

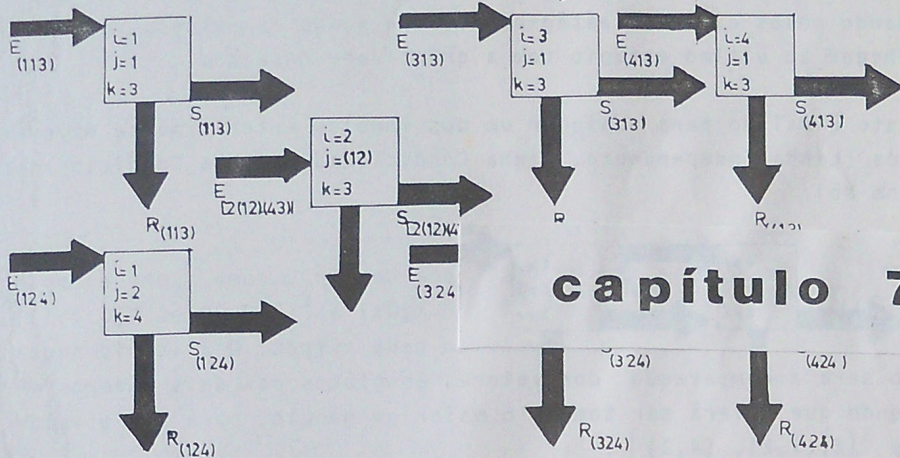


princípios

FASE 1 A SER CONSTRUÍDA

globo da morte de tudo,
capítulo 7
(colagem, 2014)

Operação (X) $X = \{i| i \in 1 \leq i \leq 4 \wedge i \in N\}$
 Peça (Y) $Y = \{j| j \in 1 \leq j \leq 2 \wedge j \in N\}$
 Produto (Z) $Z = \{k| k \in 1 \leq k \leq 4 \wedge k \in N\}$



capítulo 7

prod.	peça	oper.	fórmula	descrição
4	2	4	$E_{(424)} = \frac{S_{(424)}}{\phi_{(424)}}$	$S_{(424)} = 1$
3	1	4	$E_{(413)} = \frac{S_{(413)}}{\phi_{(413)}}$	$S_{(413)} = 1$
4	2	3	$E_{(324)} = \frac{S_{(424)}}{\phi_{(324)} \phi_{(424)}}$	$S_{(324)} = E_{(424)}$
3	1	3	$E_{(313)} = \frac{S_{(413)}}{\phi_{(313)} \phi_{(413)}}$	$S_{(313)} = E_{(413)}$
4(3)	(12)	2	$E_{(2(12)(43))} = \frac{S_{(424)}}{\phi_{(2(12)(43))} \phi_{(324)} \phi_{(424)}}$ $E_{(2(12)(43))} = \frac{S_{(413)}}{\phi_{(2(12)(43))} \phi_{(313)} \phi_{(413)}}$	$S_{(2(12)(43))} = E_{(324)}$ $S_{(2(12)(43))} = E_{(313)}$
4	2	1	$E_{(113)} = \frac{S_{(424)}}{\phi_{(113)} \phi_{(2(12)(43))} \phi_{(324)} \phi_{(424)}}$ $E_{(113)} = \frac{S_{(413)}}{\phi_{(113)} \phi_{(2(12)(43))} \phi_{(313)} \phi_{(413)}}$	$S_{(424)} = E_{(2(12)(43))}$ $S_{(113)} = E_{(2(12)(43))}$
3	1	1	$E_{(124)} = \frac{S_{(424)}}{\phi_{(124)} \phi_{(2(12)(43))} \phi_{(324)} \phi_{(424)}}$ $E_{(124)} = \frac{S_{(413)}}{\phi_{(124)} \phi_{(2(12)(43))} \phi_{(313)} \phi_{(413)}}$	$S_{(124)} = E_{(2(12)(43))}$



fluxo

$$STU(x,y,z) = \sum_i \sum_j \sum_k (Qt.P)_{(i,j,k)} \cdot E_{(i,j,k)} \cdot TU_{(i,j,k)}$$

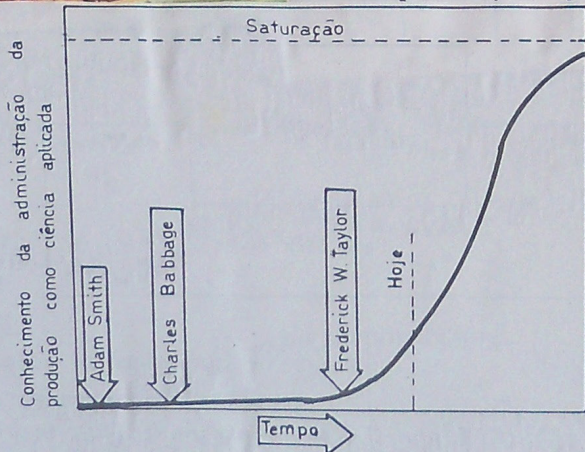
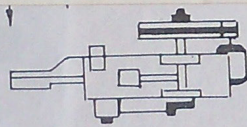


Fig.1 Curva de Crescimento do Conhecimento da Administração da Produção, considerada como Ciência Aplicada.¹

¹ Reprodução de figura do *Modern Production Management*, de Elwoods Buffa

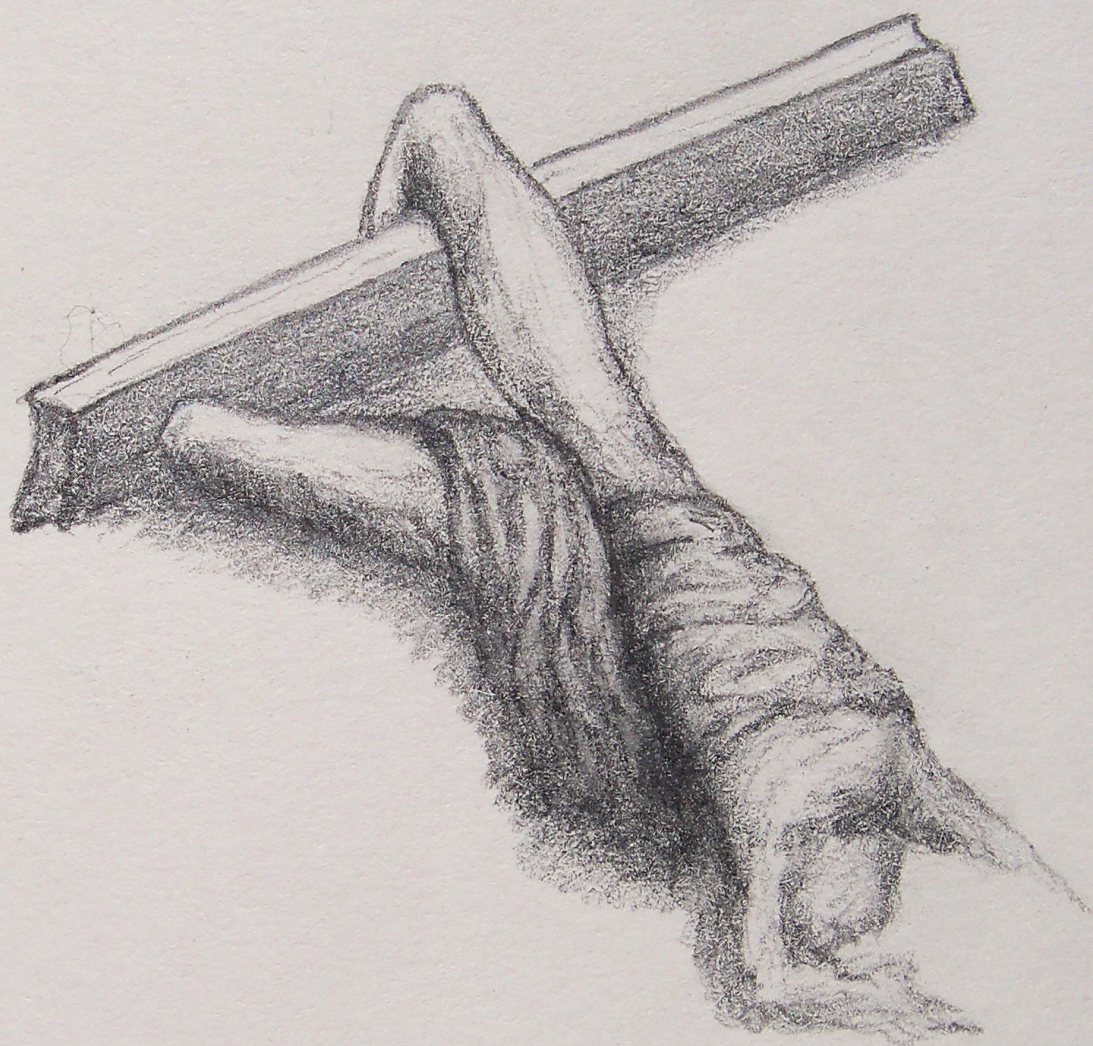


carta
(colagem e caneta hidrográfica sobre papel,
2013)

ensaio

I

(desenho a lápis, 2013)



ensaio —

ensaio

II

(desenho a lápis, 2013)



ensaio _

ensaio

III

(desenho a lápis, 2013)



ensaio —

me encanta dançar com você
(desenho a lápis, 2013)



autorretrato cruzando as pernas
(nanquim sobre papel, 2012)



autorretrato
cruzando as pernas

todos os abraços do mundo,
I
(série fotográfica, 2012)



todos os abraços do mundo

II



todos os abraços do mundo

III



todos os abraços do mundo

IV



todos os abraços do mundo

V



todos os abraços do mundo

VI



todos os abraços do mundo

VII



todos os abraços do mundo

VIII



todos os abraços do mundo

IX



todos os abraços do mundo
X

